

REFLEXÕES SOBRE O USO DA TECNOLOGIA NA ESCOLA NO ÂMBITO DO ENSINO DA ARTE¹

Léo Budziarek Eslabão², Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva³, Lucas de Abreu Seara Polidoro⁴,
Vanessa Estrela Rodrigues da Silva⁵, Rafael Damazio de Souza⁶

¹ Vinculado ao projeto “Arte e Formação nos Processos Políticos Contemporâneos”

² Acadêmico do Curso de Artes Visuais – CEART – Bolsista PROBIC

³ Orientadora, Departamento de Artes Visuais – CEART – cristinaudesc@gmail.com

⁴ Acadêmico do Curso de Artes Visuais – CEART – Bolsista PROBIC-AF

⁵ Acadêmica do Curso de Artes Visuais – CEART – Bolsista Balcão CNPq

⁶ Acadêmico do Curso de Artes Visuais – CEART – Bolsista PIBIC/CNPq

Essa escrita surge como um recorte teórico e metodológico do projeto de pesquisa intitulado “Espaços expositivos de arte contemporânea, diálogos com ambientes virtuais de formação”, financiado pelo edital Universal do CNPq e pelo edital de Iniciação Científica da Universidade do Estado de Santa Catarina. O projeto de pesquisa citado tem como objetivo investigar as potencialidades de formação de professores de artes no âmbito das tecnologias, sobretudo em relação a plataformas de aprendizagem e dispositivos para a mediação do ensino de arte desenvolvidos por artistas, arte-educadores, professores-pesquisadores e espaços expositivos de arte contemporânea. Tal projeto está vinculado ao grupo de pesquisa “Arte e Formação nos Processos Políticos Contemporâneos”, coordenado pela Dr.^a Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva.

O projeto “Espaços expositivos de arte contemporânea, diálogos com ambientes virtuais de formação” apresenta um recorte temporal referente ao período da pandemia de COVID-19. Visto que nessa ocasião a modalidade de ensino presencial foi imediatamente substituída pela modalidade de ensino remoto; as práticas pedagógicas tornaram-se dependentes de recursos e aparatos tecnológicos para sua concretização. Machado (2005, p. 72) mostra que a tecnologia pode ser uma ferramenta coletiva e colaborativa, em contrapartida ela apresenta um caráter seletivo e discriminatório, visto que não são todas as pessoas que possuem acesso aos bens tecnológicos:

As novas tecnologias não promoveram esse avanço democratizando o acesso, universalizando as riquezas produzidas, promovendo o crescimento material e cultural de todo o planeta atingido pela sua influência. Elas avançaram fortemente ancoradas em instrumentos políticos e jurídicos autoritários, como a propriedade privada, a patente e o copyright, a hegemonia do capital global, a divisão do planeta em estratos sociais, classes, raças, etnias e gêneros diferenciados, desigualmente beneficiados com o acesso aos bens produzidos.

Em consonância com o autor, a reflexão de Mattos e Fonseca Da Silva (2019) apontam para uma falta de formação tecnológica de professores, bem como para um recorrente uso de tecnologias de modo acrítico nas salas de aula. Portanto, o atual projeto de pesquisa nos convoca a pensar a tecnologia sob uma perspectiva sócio-histórica, analisando a tecnologia como uma produção humana que precisa ser criticamente apropriada pela sociedade. Segundo Machado (2005, p. 73), devemos “politizar o debate sobre as tecnologias, sobre as relações entre a ciência e o capital, sobre o significado de se criar obras artísticas com pesada mediação tecnológica.”

O presente resumo tem como objetivo realizar uma reflexão sobre o uso da tecnologia na escola no âmbito do ensino da arte. Para isso, foram realizadas leituras de artigos com base na bibliografia do projeto. Também, foram analisados os resultados de um mapeamento de

plataformas de aprendizagem (Etapa 3) e de objetos/produtos digitais desenvolvidos por instituições culturais brasileiras durante a pandemia (Etapa 4). As etapas citadas e resultados obtidos serão abordadas a seguir.

A pandemia deslocou as artes, as exposições e o público dos museus e/ou instituições culturais para o meio virtual, em específico ressaltamos o uso das redes sociais *Instagram* e *Facebook* pelas instituições como forma de dar continuidade ao trabalho. Contudo, esse deslocamento não se deu da melhor forma possível, uma vez que produziu uma escassez na produção de materiais educativos pelas instituições/setores educativos, que não se adaptaram com o formato virtual. Podemos observar que as produções artísticas contemporâneas disponíveis na *web* (rede) raramente apresentavam uma mediação eficaz dos conteúdos de arte, pois se tratavam de práticas mais interativas do que reflexivas.

São raras as instituições culturais no Brasil que apresentam um material educativo para ser ativado/utilizado de forma *online* por estudantes sob mediação de um professor. Por que não há esse investimento? Se as interfaces digitais podem potencializar a atividade do professor em sala de aula – presencial ou remota, de que forma potencializar? Como fazer uso das produções artísticas tecnológicas e ou veiculadas a partir das tecnologias para uma melhor aprendizagem dos estudantes?

Para finalizar, foram inúmeras as dificuldades enfrentadas pelos professores de arte durante o período pandêmico – a morte, o desemprego, o sucateamento da educação etc.; como ressalta Saviani (2012), é papel da escola transformar os conteúdos científicos/artísticos/filosóficos em conhecimento escolar. Dito isto, o professor tem responsabilidade sobre a escolha dos conteúdos e os modos de mediação destes. Finalmente, o trabalho pedagógico alicerçado no uso de tecnologia quando se faz histórico-crítico pode se tornar uma ferramenta de luta contra-hegemônica.

Palavras-chave: Arte. Ensino. Tecnologia.